

Índice

Prefácio — Histórias em Contraluz	7
<i>Primeiros Contos</i>	
História ao Cair da Noite	17
Lisa e Joe	29
Colar de Flores Bravias	47
Viagem em 2. ^a	61
Dois Vizinhos	73
Catarina Era assim...	83
Mendigos	91
<i>Outros Contos</i>	
Uma Tentativa Literária	117
As Mãos contra a Luz	121
O Escriturário	125
O Cenáculo	135
Pés de Ouro	147
Uma Vida Banal	153
Vindos dos Domínios de Marte...	165
Aventura Exemplar	173
O Homem Que Eu Matei	187
A Noite não Acaba mais	193

História ao Cair da Noite

— Eu não sei histórias — disse o professor.

Remexeu-se na tostada cadeira de vime, desembolsou o lenço, e com muitas pausas, muito método, dedicou-se aos cuidados do seu característico nariz de velho, verrugoso e colorido como um fruto da terra. E voltou a dizer, muito seco, tossicando:

— Eu não sei contar histórias.

E a menina, que estava sentada no degrau da soleira, cismando um pouco, com o vago ar de uma infeliz princesinha de Grimm, sorriu, com desinteresse já. Aborrecia-se. Era uma bonita mulherzinha de três anos, e, agora que conhecia os romances do cine e se iniciava na defesa biblioteca de casa, não a encantavam mais aquelas férias na vilória pasmada com as antigas tias de manias beatas, as merendas com leite de cabra, os passeios nos pinhais calados, os vestidos velhos, a fadiga do bucolismo e dos seus sonhos arroubados aprendidos no *Paulo e Virgínia*.

Dantes era diferente. Ela, ainda uma garotinha de tranças sem pretensões, vinha com o seu focinhito acobreado de banhista, com os seus bibes, as suas curiosidades ansiosas, os seus dois manos bebés, cair naquela casa de província onde tudo era novo, original e sem ordem, e os dias não tinham o grillão dos horários, e na noite havia a cantiga dos ralos, o cheiro doce das camoesas pendentes dos tectos como florões fantásticos. Dantes era diferente: ela fazia amizade com as filhas do boticário, gostava das bonecas de trapo amanhadas pela velha ama de suas tias, gostava de pão de milho e de correr pelo campo e estrada como uma cabrinha nova; e gostava de histórias.

Sabia um mundo de histórias, toda a literatura e lendas de meninos, todas as proezas das fadas e os contos de «reis que tinham três filhas», e a vida das moiras encantadas nas fontes, e as desditas de todas as gatas borralheiras, das «sapatinhos de ferro», das «Branças de Neve», de todos os gigantes brutais e de todos os bichinhos sa-gazes. Nos crepúsculos plácidos de Setembro, ela vinha sentar-se assim na soleira quente do pátio, todos se reuniam num convívio repousado, um tanto sonolento, de almas pacientes recostadas no passado — ali se erguiam as vozes na mansidão do ar que cheirava ao mosto da estação e às drogas da botica fronteira; gemia a verga das cadeiras; o som da água caindo de alto, entre ramos, sobre o tanque, punha uma impressão fresca e mansa nas cabeças ensonadas; e contavam-se histórias.

A menina escutava, a pequena face apoiada na mão, uma atenção a enfeitiçar-lhe os olhos escuros, que brilhavam erguidos para o lado de onde lhe vinham as palavras de encanto. Era-lhe familiar a especialidade de cada narrador. Sabia que os lábios das velhas tias ganhavam personalidade na devota exaltação das vidas de santos, preleções muito atrapalhadas com uns longes de erudição, citações salomónicas e todo um calendário anedótico soletrado do *Almanaque de Santo António* em noites de serão, entre braseiras e trabalhos de agulha. As velhas tias eram duas senhoras muito iguais, vagamente espanholas, sem *salero* e sem olhos de brasa, e, como todos os estrangeiros velhos, cheias de pequenas devoções pela terra natal, cheias de recordações singelas afincadas à rotina dos costumes da sua grei; citavam muito as glórias de Santa Teresa de Ávila, as gulodices de *mazapán*, as celebridades da cena de 1910; uma Espanha de cartaz turístico repassava nas suas falas emperradas em tropeços gramaticais; a menina, que as conhecera sempre velhas, sempre místicas e residentes naquele lugarejo, entre os taipais azuis da botica e as paredes denegridas dos quintais, acreditava-as mal, quase nem sabia porquê. Preferia os contos da ama antiga — uma zamorana geniosa e gorda que sabia todas as histórias das bruxas da sua aldeia, e coisas das guerras carlistas; sabia fazer torta de cerejas e bonecas de trapo com pequenos olhos de vidrilho negro. A menina e os dois manos bebés gostavam daquelas férias também porque lá encontravam a ama antiga, e ela era boa e acre como a própria felicidade.

Dantes era diferente porque ela, a menina, era diferente. Então gostava do sol, do ar, da chuva, das garotinhas do boticário, dos bombons mofentos em montinhos brilhantes no escaparate da esquina. Agora era diferente: penteava com ordem os seus cachos bonitos, ficava-se pela tarde sentada no degrau vendo o voo das pombas sobre os casais da freguesia, muito só, arrumando no regaço a correspondência de casa, ruminando saudades e vendo tudo diferente, diferente...

As senhoras tias tinham hóspedes. No Verão vinha sempre aquela professora feia, desastrada, com imensos olhos bugalhudos que fitavam a gente como aparição fantasma. Tinha o curso do Conservatório e um chapéu com uma tesa pena verde; falava dos alunos, de festazinhas colegiais, das suas horas de catequista na igreja de tal; depois duma pausa, sempre se perdia na conversa, e era duma saudável descortesia, tão brusca e alegre assim que dava gosto o seu convívio, na harmonia do simples viver campesino com merendas de leite de cabra e histórias contadas ao crepúsculo, no pátio, entre o choro da água nos tanques, poalha loira de estrelas, e os olhos despertos da menina e dos manos bebés.

Também a senhora mestra tinha dito: «Eu não sei histórias...»

E não sabia mesmo. Nunca fora menina nem moça, nem namorada talvez; parecia existir no mundo desde sempre, tal e qual agora, com os seus sapatões amarelos e rasos, o seu rosto assarapantado e bom com sinais de cabelo, com rugas pequeninas sulcando-o como regos abertos em solo estéril. Não sabia histórias, e, mesmo assim, a menina queria-lhe um pouco como companhia nos campos quando saíam a colher botões-de-ouro nas sebes e agriões nos rebordos das presas. Passavam ambas pelos caminhitos nas tardes mansas daquelas boas férias de vindima, sorvendo o ar sob as latadas que rescendiam, falando alto entre o sussurro dos ribeiros que deslizavam em agonia nos pedregulhos brancos; e a senhora mestra, com o seu guarda-sol florido, o seu passo sem ritmo, arrastava após si o olho pasmo dos mocitos que conduziam gados, o comentário alacre das comadres acoradas às portas a contar os fios do crivo; os bois que bebiam nos poços, com longas sorvedelas encalmadas na tarde que decaía, erguiam para elas os olhares vidrados, açoutando com a cauda, devagar, as ancas onde o mosquedo revoava; a menina tinha-

-lhes medo e apressava-se, numa grande ânsia de galgar muito lesta os caminhos desertos, e ver depressa surgir os primeiros plátanos da vila, ouvir o cantarolar da água no fontenário novo, o característico som do entardecer no pátio da casa com zumbidos de zângãos atontados na embriaguez das glicínias, chiada de carros e pipilada de aves em redor e para além do arvoredado que fremia.

Nunca sabia histórias, a senhora mestra, mas era camarada, tão pitoresca, e não estorvava nunca... Chegava todos os anos, açodada dentro da poeira da viagem, sempre mais desbotada a pena verde do chapéu, e toda ela mantendo bem por aqueles quinze dias de férias a presença da sua originalidade que era inofensiva e sã e que fazia rir. Nunca sabia histórias, mas não tinha importância isso. E, enquanto crescia, a menina ia achando que tinha menos importância toda a senhora mestra, e que já não tinham valia os passeios no campo à cata de ramalhetes bravos, e que eram ridículos o guarda-sol florido, os sapatões amarelos, a cinzenta personalidade duma pessoa que nunca soube histórias. Era a menina a que ficava diferente...

Certo ano, já os manos não eram bebês e já a menina enfastara há muito a Biblioteca Azul, houve outra personagem naquela vila de férias de Outono, a cabecear no pátio das trepedeiras e das velhas cadeiras de verga. Era o professor.

O professor, mesmo com o seu colarinho de riscado apertado com botão de osso, com os seus chinelos de corda, a sua assinatura do semanário agrícola, era um cavalheiro. Fora outrora um amigo de vovô, falava ainda nele com uma pausa grave, afagando os derrubados bigodes de gaulês num jeito sentimental e sério que emocionava as almas familiares e idosas, caladas, a ouvir num respeito de *de profundis*. Depois de aposentado, viera acomodar-se ali, naquela vila de interior com acácias folhudas no largo da feira e a chazada de serão em casa da senhora nobre. E, depois de aposentado, conservava todo o clássico da mentalidade mestre-escola, punha muito interesse higiênico nas suas madrugadas e nos seus passeios, nas suas dietas e nas suas manias; afeiçoava-se à botânica, lia a Bíblia protestante, inquiria coisas e coisas do seu hebdomadário da lavoura, assinando sempre, entre umas aspas rigorosas: «Um assíduo leitor». Arrastando os seus chinelos esfiados nas tábuas da salinha que faziam range-range enervante, tinha um porte tão impressionante e civilizado e oco como um

diplomata do Reino da Bela Mentira. A menina temia-o um bocadinho, fugia-lhe; e achava-o um cavalheiro.

Acontecia agora que o professor, também ele, não sabia histórias. Era pobretão e sem chique, parecia não valer muito, muito, com todos os seus livrecos de lombada malhada e de cantos já rombos. Mas as senhoras tias consideravam-no muito. Sempre lhe haviam desculpado as suas sisudas palestras anticlericais, a zanga ao jesuíta, ao mercantilismo organizado da Igreja, ao feudalismo nacional — aversões congeladas e hirtas na sua mente, em todo o seu ser já sem moda, sólido, puro e tão ingénuo através daquela lenta vida incolor com leituras de Eugène Sue e um romantismo fradesco e pousão temperado no *Contrato Social*. — «Tem muito merecimento» — comentavam elas, as senhoras tias.

Depois da morte de vovô, continuaram a recebê-lo com mimos e com risos de festa porque eram boas e possuíam um doce coração de velhas meninas embalsamadas no hábito. E como depois da morte de vovô, repentinamente, nem se sabia como, tudo mudara um pouco, houvera crise, guerra na Europa, viera um pároco moço transformar a rotina da missa das seis, acontecera aquilo, assim. Elas tinham-se sentido perdidas do seu século, mais velhas e mais pobres; e, aceitando remuneração, hospedaram o professor.

Naquelas férias a menina topara-o lá. E desde o começo lhe parecera uma coisa impossível aquela figura de homem, alta e conspícua, cirandando gravemente nos corredores, merendando «em segredo» as compotas de Inverno, muito inacessível, demasiado velho e senhor, demasiado amigo e habitual na simples casa das férias. — «Ah, o sossego foi-se para sempre!» — escrevia dramaticamente à mamã. A menina punha três pontinhos em cada final de merencória queixa e repetia: «Para sempre.» Não gostava do velho. Aborrecia-se ali, vendo do pátio os garotos jogando o botão contra as paredes onde pingava o tom macerado das flores de madressilva; as filhas do boticário acenavam-lhe defronte enquadrando nas janelitas azuis as suas cabeças de melena riça ajanotadas com laçarotes de xadrezinho palpitando no vento como asas de borboletas; *Fly*, a perdigueira, vinha estatelar-se no pó, farejava o ar quente, tinha um ladrido rouco; e a tarde passava morna e triste e como um suspiro do tempo. Tudo era pacífico e igual. Nem um rosto nem um som